

A FEIRINHA DE ITAGUARA (MG): cores, aromas, sabores, ritmos e afetos

Maria Antonieta Teixeira¹
Rosivane Iranilda de Oliveira²

RESUMO

Este artigo busca conhecer a feira livre do município de Itaguara (MG), onde os frequentadores compartilham de um ambiente que conjuga geração de renda, socialização e lazer. A justificativa para um estudo dessa natureza provém da sua representatividade econômica e cultural que revela a permanência de estruturas tradicionais e a modernidade característica das cidades contemporâneas, como Itaguara, localizada às margens da BR-381, na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Nesse sentido, conhecer a feira permite conhecer a dinâmica urbana local, como *locus* da produção e reprodução urbano-rural.

Palavras-chave: Feira livre, Cidade, Agricultura familiar

ABSTRACT

This article seeks to know the fair of the municipality of Itaguara (MG), where visitors share an environment that combines income generation, socialization and leisure. The justification for a study of this nature comes from its economic and cultural representativeness that reveals the permanence of traditional structures and modernity characteristic of contemporary cities, such as Itaguara, located on the banks of BR-381 in the Metropolitan Region of Belo Horizonte. In this sense, getting to know the fair allows you to know the local urban dynamics, as a locus of urban-rural production and reproduction.

Keywords: Free Fair, City, Family farming

INTRODUÇÃO

Este artigo busca conhecer a feira livre do município de Itaguara (MG), onde os frequentadores compartilham de um ambiente que conjuga geração de renda, socialização e lazer. A justificativa para um estudo dessa natureza provém da sua representatividade econômica e cultural que revela a permanência de estruturas tradicionais e a modernidade

¹Professora da UEMG Cláudio. Mestra em Educação, Cultura e Organizações Sociais pela UEMG Divinópolis.
maria.teixeira@uemg.br

² Aluna do curso de Serviço Social da UEMG Cláudio.

característica das cidades contemporâneas, como Itaguara, localizada às margens da BR-381, na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Nesse sentido, conhecer a feira permite conhecer a dinâmica urbana local, como *locus* da produção e reprodução urbano-rural.

No local, estabelecem-se laços de afetividade entre os comerciantes e os fregueses, o que sustenta em grande parte a tradição de ir à feira toda semana para comer pastel, tomar caldo de cana, saborear um churrasco, comprar frutas, verduras e legumes orgânicos, além de leite, queijos, doces caseiros, biscoitos, artesanatos e outros. A música e a dança ainda embalam e divertem os frequentadores.

A feira é um espaço na cidade que se caracteriza através de uma função social que muda a organização do espaço urbano, e que representa atualmente uma das mais antigas e resistentes modalidades do comércio varejista (BOECHAT; SANTOS, 2009). É baseado nesse argumento, que a pesquisa perscrutou: como acontece a feira livre de Itaguara? Quem dela participa? O que a feira representa para Itaguara? Quais seus modos e fazeres?

Inicialmente, o trabalho sistematiza um referencial teórico acerca das feiras livres que, articulado aos aspectos metodológicos utilizados, possibilita a análise qualitativa e a discussão das informações levantadas.

FEIRAS LIVRES: ESPAÇOS ECONÔMICOS E CULTURAIS

A feira livre corresponde a uma das formas mais antigas de comercialização de produtos agrícolas, desenvolvendo até hoje um importante papel econômico, social e cultural (Sales *et al.*, 2011). Seu surgimento foi impulsionado pelas Cruzadas, uma vez que, naquela época, era necessária uma forma de atividade comercial que atendesse às necessidades dos comerciantes e viajantes. Dessa forma, a feira exerceu papel importante na implantação do dinheiro, na manutenção do capitalismo e no surgimento das cidades (BOECHAT; SANTOS, 2009).

Algumas características como a oferta de produtos diferenciados (produzidos de maneira artesanal e em pequena escala) e as relações de amizade e confiança estabelecidas entre vendedores e compradores ao longo do tradicional ato de “fazer a feira”, fazem com que as feiras sejam um ambiente de negócio singular, que atrai milhares de consumidores até os dias de hoje (SALES *et al.*, 2011).

Destaca-se ainda que a importância da feira se dá na oportunidade de fornecimento

de produtos de características locais, além de baratos e saudáveis, garantindo a autonomia e a segurança alimentar, visto que o consumidor sabe onde e como os alimentos foram produzidos e a segurança é garantida no valor acessível, na diversidade e no uso quase que nulo de agrotóxicos, o que serve como um impulsionador da agricultura familiar e o desenvolvimento rural em bases sustentáveis (PEREIRA et al., 2017).

Uma feira livre é considerada um espaço cheio de especialidades, cheios de sons, movimentos, coloridos e personagens, que interagem com seu histórico e suas relações de identidade, levando-nos a imaginar a importância da feira e como seria cada cidade sem este ícone de história local e de sentimento de pertencimento (BOECHAT; SANTOS, 2009).

As feiras livres são também um espaço de socialização, identidade regional e cultural e também de articulação política, além da movimentação de produtos, pessoas, informações e cultura, numa dinâmica muito peculiar, que se misturam com a paisagem local. A feira é muito mais que um ponto comercial da agricultura familiar, pois nesse meio circulam bens, culturas e pessoas, sendo uma partilha entre economia e cultura, sendo formadas representações de sociedades rurais, onde ocorrem encontros e articulações políticas (PEREIRA *et al.*, 2017; BOECHAT; SANTOS, 2009).

É importante considerar que o feirante participa das dinâmicas urbanas, seja na elaboração do mercado como um espaço de trocas e de sociabilidades, que são fundamentais para a vida cotidiana, seja em suas táticas de reelaborar seu trabalho, tendo em vista as mudanças que o crescimento das cidades impõe às suas práticas. Ao mesmo tempo é esse trabalhador que trará para o espaço urbano os produtos do mundo rural, seja ele um produtor agrícola ou não (VEDANA, 2013).

Segundo Sato (2007), mesmo cercada de ruas e avenidas que conduzem os destinos e sentidos da cidade, a instalação da feira livre garante certo isolamento que autoriza a criação de um espaço onde a brincadeira, o humor e as regras de civilidade podem conviver publicamente com as intenções da cidade, como um mundo ritual, no qual as coisas adquirem um sentido diferente podem exprimir mais do que aquilo que exprimem no seu contexto normal.

Para Silva *et al.*, (2014), mais que um espaço de comercialização, a feira livre configura-se como um espaço simbólico de encontro, na qual, as situações de contato direto

dão lugar a relações humanas (conversas e explicações em torno de um produto, do trabalho, dos procedimentos, das receitas) as quais geram sentimentos e valores de amizade, de fidelidade e de confiança. “A feira livre é um fenômeno sociocultural que permite encontros e reencontros entre atores sociais, construindo histórias em meio a uma rede barulhenta de conversas que conecta pessoas de diversos locais traçando um costume que sobrevive à sociedade contemporânea” (FERREIRA, 2017, p. 34). Portanto, além de seu caráter comercial, a feira é também lugar para se socializar

Todos têm uma história de identidade e origem, e junto com esta tem inserido algum momento de lembrança em que a feira estava relacionada, seja no âmbito alimentar, no de lazer, ou no de historicidade local. A feira livre tem esse caráter diversificado, onde circulam por ela vendedores, compradores, transeuntes, personagens e outros participantes variados (BOECHAT; SANTOS, 2009).

Há também aqueles que usam o espaço da feira para transmitir de geração para geração elementos da cultura popular representados das mais diversas formas: a) através do canto e da música (repentistas, cantadores de viola, sanfoneiros); b) através da poesia (a poesia popular, o cordel); c) através dos bens culturais relativos às técnicas, ao saber e ao saber-fazer (comidas típicas, artesanato, obras de arte da cultura popular, mangais, etc.); d) através das tradicionais feiras de animais, etc (SOUZA *et al.*, 2014).

A feira é um espaço que tem influência na melhoria de vida das pessoas, não só pela obtenção de uma renda familiar, mas pela apreensão das idéias e representações associadas à feira como espaço de socialização, carregada de narrativas e símbolos sociais. Concomitantemente, este ambiente fornece informações no que se refere às condições de trabalho, organização e consumo, origem e destino dos produtos potenciais de comercialização, nível de satisfação e quais os outros segmentos sociais envolvidos no processo (feirantes, consumidores, organizações locais (ANGULO, 2003).

METODOLOGIA

O percurso metodológico do estudo baseou-se na abordagem qualitativa, que permite uma aproximação com o cotidiano numa perspectiva analítica, sendo que o método se aplica ao estudo das relações, das representações e percepções que os indivíduos fazem sobre o modo como vivem, sentem e pensam (MINAYO, 2001). A abordagem inspira-se em Magnani

(1993) que ressalta a importância do ver de perto e de dentro. Uma pesquisa bibliográfica fundamentou o estudo de caso da Feira de Produtores Rurais e de Artesanato de Itaguara (MG).

A pesquisa de campo baseou-se na observação, como guia da escuta e do olhar. Observar implica um olhar-pensante e sensível; é exercitar o olhar cristalizado pelo cotidiano. Ver e Ouvir demanda implicação, entrega ao outro (WEFFORT, 1996, p. 2). Observar requer estranhar o familiar. Nesse sentido, a observação foi realizada com frequência suficiente para responder o roteiro definido e possibilitar uma compreensão das relações estabelecidas no âmbito da Feirinha, sobretudo a partir de conversas informais.

A entrevista complementou o levantamento de dados, caracterizando-se como semi-estruturada. Como a entrevista constitui um processo de interação social conduzido pelo pesquisador na busca de informações, foram definidos tópicos orientadores, ampliados quando necessário (COLOGNESE; MELO, 1999). A pesquisa de campo aconteceu no período de março a junho de 2018. Destaca-se a mediação realizada pela aluna-pesquisadora, moradora e artesã da cidade, cuja colaboração facilitou os contatos com os feirantes e com a técnica responsável da EMATER.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A feira livre está localizada uma praça na área central da cidade de Itaguara, município pertencente à Região Metropolitana de Belo Horizonte e que dista 95 Km da capital mineira. Itaguara conta com uma economia diversificada, tanto com indústria e com comércio e serviços. O setor primário, ainda que apresente menor representatividade econômica, tem forte tradição local e caracteriza-se pela agricultura familiar presente em 47 comunidades rurais.

A área rural caracteriza-se por pequenas propriedades, onde os produtores desenvolvem suas atividades de agropecuária basicamente com perfil familiar. A comercialização individual dos produtos limitava os produtores rurais, pois dependiam de atravessadores que vendiam a produção para os grandes atacadistas e CEASA-MG (ITAGUARA, 1996). É nesse contexto que, liderada pelo Padre Vanir, aconteceu a reunião, em 28 de julho de 1991, entre a Prefeitura Municipal, a EMATER-MG, o Sindicato dos

Trabalhadores Rurais e os produtores rurais e artesãos locais, para criação da Feira de Agricultura Familiar e Artesanato de Itaguara.

A Feirinha, como é popularmente chamada na cidade, já acontecia sem periodicidade e sem local definido. Mas, em 1992, a feira passa a ocupar o atual espaço da praça e, em 1993, os primeiros cadastros de feirantes são providenciados. Em 2009, são destinados recursos federais mediante convênio entre os Ministérios Agrário e de Desenvolvimento Social. Então, em 2011, foram adquiridos tendas, balanças, freezers, lixeiras, guarda-pó, caixas de pvc, barracas etc. Novos cadastros de produtores e artesãos foram feitos e, atualmente, são 18 feirantes que comercializam semanalmente produtos da agricultura familiar, confeitaria, gêneros alimentícios e bebidas, além do artesanato.

São mais de 25 anos (ITAGUARA, 2016) de existência e funcionamento da Feirinha! A rede local formada tem sido importante nesse processo. Ainda que extrapole os objetivos da pesquisa, a constatação da rede local sugere a existência de um capital social (BOURDIEU, 1998) que

[...] é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento [...] como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns [...] mas também são unidos por ligações permanentes e úteis [...] Os lucros que o pertencimento a um grupo proporciona estão na base da solidariedade que os torna possível (BOURDIEU, 1998, p. 67).

A feira oferece uma variedade de produtos como hortaliças, frutas, doces e quitandas caseiras, leites e queijos, rapaduras de sabores variados, açúcar mascavo, café moído, artesanatos feitos em tear por moradores da cidade, muda de flores como orquídeas e outras, garapa da cana cujo processamento é feito todo ali na hora, que vai desde o descascar até a moagem para se obter a garapa, além de pratos como macarrão na chapa, churrasco, tropeiro, feijoada, torresmo (pururuca), mandioca, pastel e batatas fritas. As pessoas se sentem atraídas pelos cheiros das comidas, cujos pratos são saboreados como almoços de domingo.

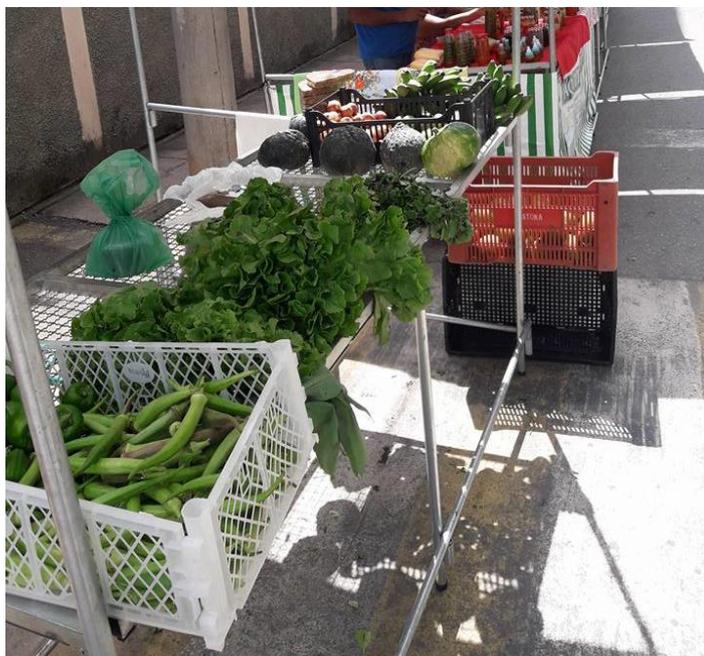


Figura 6: Uma das barracas de hortaliças presente na feira

De acordo com o produtor rural Luís Américo, para a criação da empresa obteve-se a aquisição de dois programas do PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), sendo um para a obtenção de um veículo e outro para a construção da microempresa que possui a cooperação familiar e registro no MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento). Foi relatado que houve um estudo do solo para uma preparação mais adequada do plantio, o uso diminuído de suplementos químicos durante todo o plantio e não sendo necessário o uso de inseticidas para matar as larvas. Durante o processamento da polpa, não possui nenhuma adição de conservantes ou produtos químicos. As polpas são comercializadas em escolas, restaurantes da cidade de Itaguara e cidades vizinhas.

O produtor possui um desejo de expandir seu próprio negócio oferecendo seu produto para cidades maiores como Belo Horizonte. A microempresa possui uma parceria com a Associação Familiar dos Agricultores de Pipoca e região, e com a EMATER-MG que é considerada uma grande aliada pelo produtor, pois orienta e auxilia no melhoramento de seu produto.

Segundo o agricultor familiar, Antônio Márcio de Oliveira, está na feira há 26 anos, onde vende hortaliças, rapadura, leite, queijo, gordura de porco, amendoim e outros. Ele

reconhece a importância da feira para obter uma renda extra e vender produtos de qualidade que agradam os fregueses. O agricultor conta com o apoio do PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar) para adquirir maquinários que são usados no plantio de seus produtos e da EMATER-MG. Seus produtos não possuem adição de agrotóxicos, sendo usados estrume e capim picado. Além da feira, comercializa seus produtos em mercados maiores, como o CEASA, na cidade Belo Horizonte. O entrevistado acredita que há necessidade de melhorar a renda dos feirantes.

Para a extensionista da EMATER-MG, Cornélia Francisca da Silveira Freitas, a feira é essencial para a comercialização de produtos agrícolas, pois não há muitos locais na cidade. A EMATER-MG vem auxiliando os feirantes desde 1991, na criação da feira, realizando projetos como a busca de recursos no MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário) para a aquisição de equipamentos como barracas, cubas, balanças, entre outros. A instituição vem realizando reuniões e cursos para a melhoria dos produtos e atendimentos aos clientes. um dos cursos ofertados é sobre a manipulação e cultivo dos alimentos e sua aparência, além de capacitação técnica no preparo dos alimentos.

Quanto os fregueses e consumidores da feira, foi possível observar um grande interesse pelos produtos ali vendidos, com destaque para os produtos agrícolas, como as verduras, legumes e frutas, o leite, o queijo e as rapaduras nos seus diversos sabores. Muitos fregueses apontam que os produtos deveriam ter mais espaço para serem expostos nas bancas. Algumas das pessoas que ali frequentam gostam de se reunir com os amigos para beber cerveja, comer churrasco, mandioca e outros petiscos atraindo assim clientela para o local.

A realização anual do Festival da Rapadura ratifica a tradição cultural do município. A rapadura é um dos produtos mais tradicionais do município de Itaguara-MG. Produzido em forma de tijolos, a partir da cana de açúcar, este doce faz parte da história do município, existindo relatos de engenhos que produziam rapaduras há mais de 100 anos (ITAGUARA, 2018).



Figura:

A feira livre permite pensar a relação rural-urbano, na medida em que se apresenta como um elemento que articula o campo e a cidade, bem como a produção e a circulação e o consumo. Para além das trocas comerciais, o uso e o espaço ocupado pela feira livre é histórico, pois é *locus* da sociabilidade e das relações sociais que ali se estabelecem. Sociabilidade aqui é compreendida como forma lúdica de sociação (SIMMEL, 1983 *apud* NORA; ZANINI, 2015). Trocas simbólicas também são realizadas.



Figura 3: Espaço de alimentação da Feirinha

A Feirinha é um ambiente cultural e de lazer. Sua organização, aos domingos, é feita pelos próprios feirantes. Cada um dos feirantes possui seu lugar reservado. As pessoas em geral vão à feira após participar de suas atividades religiosas, na manhã de domingo. A cada domingo, uma atração diferente acontece, como os shows musicais e teatrais, com artistas da terra, além da roda de capoeira. O espaço físico da feira atrai pela comodidade, com arborização, além de tendas e mesas com cadeiras.



Figura 4: Músicos da terra cantando e animando a feira livre

Cores, muitas. Sons, barulhos e ritmos. Cheiros, aromas; nhacas e fedentinas. Sabores e texturas. Temperos, condimentos ardidos. Ar em movimento e luminosidade quente. Às vezes, afagos molhados. Ora sô, ora cambada. Uma treinheira. Guimarães Rosa disse: Minas são muitas!

A Feirinha acontece na Praça da Convivência, onde também se encontram o prédio da Secretaria de Educação e Cultura, a Biblioteca Municipal e o Museu Sagarana, cujo nome faz referência a Guimarães Rosa por ter sido uma figura ilustre durante o período de pouco mais de um ano em que residiu na cidade. Não cabe aqui a tentativa de explorar o espaço da praça, para além da própria praça e sua função no espaço urbano. No entanto, a reunião de espaços culturais aparentemente díspares sugere possibilidades de investigação acerca da cidade de Itaguara, considerando, por exemplo, a apropriação simbólica a partir da cultura como agente sinérgico (IPIRANGA, 2009).



Acervo: Museu Sagarana

CONCLUSÃO

A pesquisa sobre a Feirinha, como é conhecida a feira livre em Itaguara, teve um caráter exploratório, mas identificou brechas para aprofundamento, tanto em relação aos produtores familiares do município e a possível existência de capital social através das relações da rede local; como também a possibilidade de um estudo acerca da relação cidade e cultura. A Feirinha oferece uma variedade de produtos, além de ser um ambiente cultural e de lazer.

Em Itaguara, a feira livre tem um papel fundamental na geração de renda, da agricultura familiar e de sociabilidade, permitindo pensar a relação rural-urbano, na medida em que se apresenta como um elemento que articula o campo e a cidade, bem como a produção e a circulação e o consumo. Para além das trocas comerciais, o uso e o espaço ocupado pela feira livre é histórico, pois é *lócus* da sociabilidade e das relações sociais que ali se estabelecem.

REFERÊNCIAS

ANGULO, J. L. G. Mercado local, produção familiar e desenvolvimento: estudo de caso da feira de Turmalina, Vale do Jequitinhonha, MG. Organizações Rurais e Agroindustriais. **Revista de Administração da UFLA** – v.5 – n. 2 – julho/dezembro, 2003.

BATALHA, M. O.; BUAINAIN, A. M.; SOUZA FILHO, H. M. Tecnologia de gestão e agricultura familiar. São Carlos: Ed UFSCAR, 2005.

BOECHAT, P. T. V.; SANTOS, J. L. Feira livre: dinâmicas espaciais e relações identitárias. **Universidade Estadual da Bahia** - Campus V, 2009. Disponível em: <<http://www.uesb.br/eventos/ebg/anais/2p.pdf>>. Acesso em: 05 de maio 2018.

FERREIRA, T. B. Comunicação e Marketing: Um estudo das interações comunicacionais

entre feirantes e fregueses na feira livre de Paripiranga/BA. Departamento de Comunicação Social - **Programa de Pós-Graduação em Comunicação**. Universidade Federal de Sergipe – Aracaju/SE, 2017.

MÜLLER, A. L. A construção das políticas públicas para a agricultura familiar no Brasil : o caso do Programa de Aquisição de Alimentos. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, **Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural**, Porto Alegre, 2007.

PEREIRA, V. G.; BRITO, T. P.; PEREIRA, S. B. A feira-livre como importante mercado para a agricultura familiar em Conceição do Mato Dentro (MG). **Revista Ciências Humanas - Educação e Desenvolvimento Humano - UNITAU**, Taubaté/SP - Brasil, v. 10, edição 20. Dezembro, 2017.

SACHS, I. Brasil rural: da redescoberta à invenção. **Estudos avançados**. vol.15 no.43 São Paulo, Sept./Dec. 2001.

SALES, A. P.; REZENDE, L. T.; SETTE, R. S. Negócio feira livre: um estudo em um município de Minas Gerais. **III Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho** – 20 a 22 de novembro de 2011. João Pessoa/PB, 2011.

SATO, L. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. **Psicologia e Sociedade**. 19. Edição Especial 1: 95-102,2007.

SOUZA, D. H. B.; DANTAS, J. C.; MATIAS, T. B. O.; MOREIRA, E. Feira livre e cultura popular: espaço de resistência ou de subalternidade? **VII Congresso Brasileiro de Geógrafos**- 10 a 16 de agosto – Vitória/ES, 2014.

VEDANA, V. Fazer a feira e ser feirante: a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 19, n. 39, p. 41-68, jan./jun. 2013.